

# PI / VCCM

PROJECTO DE INTERVENÇÃO / VALORIZAÇÃO DO CASTELO DE CASTELO MELHOR



*...a todos aqueles que apoiaram e acreditaram neste trabalho.*

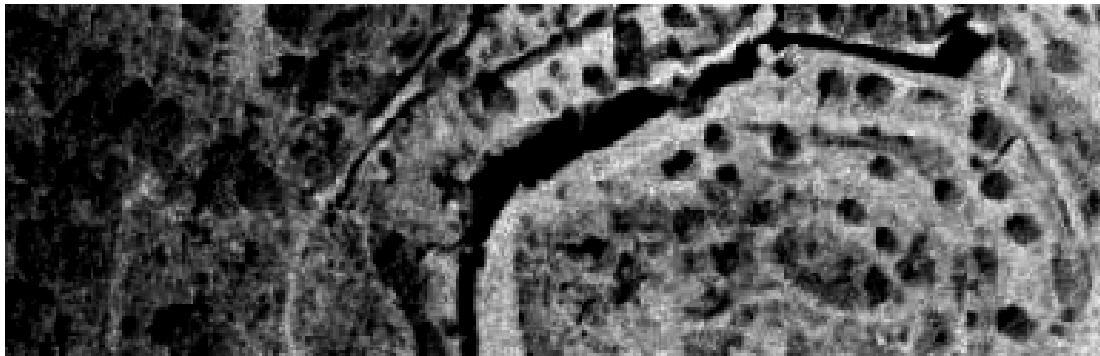
Luís José Rato Miranda

Mestrado Integrado de Arquitectura

Trabalho orientado pelo Professor Doutor Michael Mathias

Universidade da Beira Interior . Covilhã . 2009

PROJECTO DE INTERVENÇÃO / VALORIZAÇÃO DO CASTELO DE CASTELO MELHOR



## Resumo

Castelo Melhor, Lugar e palco do tempo<sup>1</sup>.

As heranças serão para compreender, viver e salvaguardar.

Na memória serão vincadas as linhas orientadoras mais intensas do hoje, para fazer sentido a compreensão e a acção no futuro, tal como as do passado que determinam o hoje.

A própria interpretação do lugar ou lugares é exercida em qualquer intervenção em Arquitectura de recuperação e valorização.

## Abstract

The heritage is to understand, live and protect.

Today's guiding lines are saved in memory, so comprehension and action in future can make sense, as those of the past delineate them today.

Its own interpretation of the place or places is exercised in any Architecture intervention of valorization and recuperation.

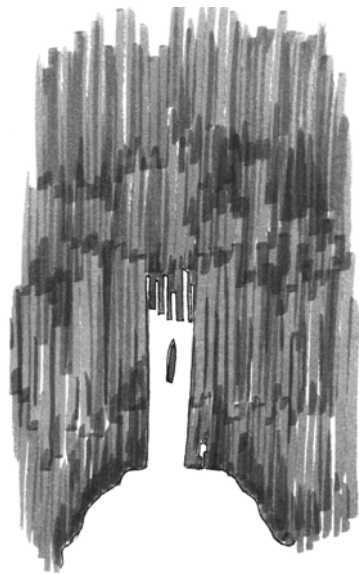
---

<sup>1</sup> Página anterior: muralha do Castelo de Castelo Melhor.





Introdução	5
A cultura do Património	7
A condição do Homem, o Castelo, e a Ruína	10
Castelo de Castelo Melhor - Valorização	14
Ideia	14
Objectivos	15
Metodologia	15
Análise	16
Castelo Melhor, a freguesia	17
Elementos históricos da ocupação na zona	18
O castelo <i>actual</i>	19
Dados da "Investigação Arqueológica e Estudo de Reabilitação do Castelo de Castelo Melhor"	27
Dados da "Proposta de Reabilitação de Castelo Melhor"	28
Imóveis históricos visitados	29
Resultados – aspectos e considerações	34
Conclusões, estratégias e premissas do projecto	35
Proposta	39
A caracterização do espaço	45
Referências Bibliográficas	49



*«Património: é o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização destas obras como património é, assim, um processo que implica a selecção de valores.»<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> Redacção da Carta de Cracóvia 2000.



## Introdução

Castelo Melhor demonstra ser uma das aldeias do interior que tem sobrevivido ao Tempo. Possui a sua actividade e vida próprias mas acima de tudo encontra-se como uma referência, primeiramente geográfica, por se encontrar nos seus limites um espólio histórico classificado da passagem pré-histórica do homem há mais de 10.000 anos. O Vale do Côa apresenta-se como uma prova viva de uma zona rica em História, merece ser considerada e por todos preservada, reforçada agora pelo nascimento do novo Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa situado no local.

Castelo Melhor como aldeia tem a capacidade de se projectar para um futuro promissor onde não será decerto destinada ao abandono e esquecimento.

Contudo, possui igualmente um factor forte de identidade – não só pela classificação da UNESCO às gravuras e do que tudo isso possa acartar - que marca presença constante como testemunho da sua história e do desenvolvimento local: o castelo.

Imóvel de Interesse Público (1982), o castelo tem sido (verdadeira) *vítima* do Tempo e do que isso materialmente representa: a constante degradação.

É neste sentido que o presente trabalho visa intervir e sensibilizar. Alertar para a importância do imóvel mas fundamentalmente contextualiza-lo com todo o seu valor histórico e arquitectónico na sua realidade e relação com Castelo Melhor.

São necessárias medidas preventivas, soluções e uma forte atenção que possam travar essa lenta e silenciosa extinção que o monumento percorre actualmente.

Talvez seja causa de outras políticas de prioridades ou por uma forte pressão social e mediática associada à presença das gravuras, mas torna-se urgente encarar a situação actual desta ruína, situação incompreensível em pleno século XXI.



## A cultura do Património

Na sociedade contemporânea, a atitude a ter perante o edificado que contem valor histórico, memorial e cultural, tem sido objecto de debate nas mais diversas esferas. É no entanto indiscutível a importância de manter as heranças culturais, no fundo os valores da **identidade**, como importantes testemunho de séculos ou de milénios. O conhecimento surgirá daí, dessa identidade, da memória viva herdada.

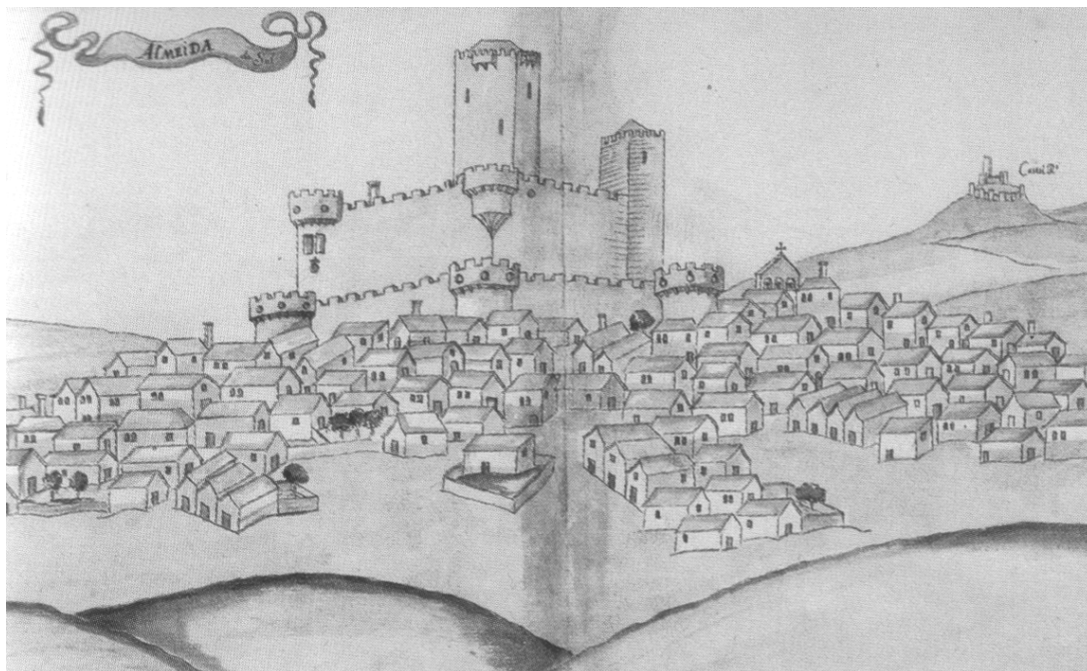
Para o efeito, a sua classificação a partir da sua *inventariação*<sup>3</sup> (Ferreira, 1993) e posterior salvaguarda, assumem-se nas mais diversas estratégias como acções fundamentais perante o património.

No exemplo português e remontando à nossa História, verificam-se registos de bens imóveis já com preocupações de defesa e protecção. A ideia da inventariação transporta-nos à época de D. Manuel (o Venturoso) que ordena o levantamento de "*todas as propriedades dos hospitais, companhias e albergarias do reino, e assim dos próprios, das cidades, vilas e concelhos...*" que surge documentada por Damião de Góis na sua *Crónica do Felicíssimo Rei Dom Emanuel*. É através deste mesmo autor renascentista que nos aparece também referenciado o real escudeiro Duarte d'Armas, mestre do conhecido *Livro das Fortalezas* (fig. 1), registo preciosíssimo de plantas e perspectivas panorâmicas, medidas e cartografia, bem como de notas, de todas as fortificações pelo território nacional e das fronteiras com Castela que se constituem na Raia<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Como medida inicial nesta tarefa, a *inventariação* constitui um processo fundamental e um consequente suporte do conhecimento, comportando um legítimo sentido de avaliação, selecção e de atribuição do valor às obras. Permite recensear e dar a conhecer toda a Obra marcada pelo seu carácter artístico, histórico-temporal ou arqueológica, bem como servir de instrumento de pesquisa e estudo.

<sup>4</sup> Raia assume-se como a zona interior que delimita as fronteiras do território nacional (Gomes,1996).



1. Almeida, séc XVI (cópia do *Livro das Fortalezas*) in *Castelos da Raia - vol.I*, p.70 de Rita Costa Gomes

Actualmente e a nível internacional, organismos como a UNESCO, o Concelho da Europa e o ICOMOS, desempenham um importante papel no alargamento da noção de património e na necessidade de uma responsabilidade na salvaguarda dos bens culturais.

As diversas Normas, Cartas, Recomendações e Convenções sobre o Património Arquitectónico e Arqueológico<sup>5</sup>) ilustram a evolução do pensamento contemporâneo em relação ao Património.

Apesar de ainda em Portugal haver uma certa dificuldade e uma dispersão na tradução desses mesmos textos e com uma reduzida divulgação, autores como o Professor Flávio Lopes e o Mestre Miguel Brito Correia vêm resolver essa lacuna (Lopes e Correia, 2004) publicando e divulgando em português os principais documentos originais criados pelos organismos internacionais acima referidos.

Sumariamente considerando, a atitude correcta perante o legado patrimonial passará por um entendimento global dos contextos em questão, bem como um conhecimento profundo no que respeita à metodologia da intervenção e valorização.

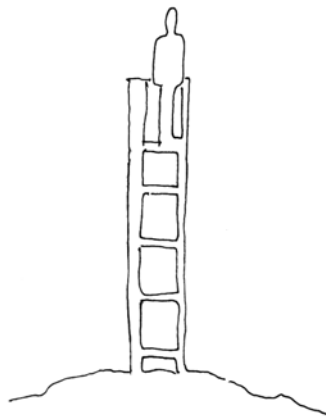
---

<sup>5</sup> Destes documentos destaca-se a recente Carta de Cracóvia 2000, nos Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído: «...cada comunidade desenvolve uma consciência e um conhecimento da necessidade de preservar os bens culturais construídos, pois eles são portadores dos seus próprios valores patrimoniais comuns. Este processo não pode ser objecto de uma definição redutora. Apenas se pode indicar o modo segundo o qual pode ser identificado. Os instrumentos e os métodos utilizados para uma correcta preservação do património devem adaptar-se às situações concretas, que são evolutivas, sujeitas a um processo de contínua mudança.» Cracóvia (Polónia), 26 de Outubro de 2000.



Torna-se peça fundamental a capacidade de adoptar estratégias descentralizadas e adaptadas aos locais em estudo e às necessidades de cada imóvel dentro da sua própria realidade.

Importa assim intervir de forma humanista, onde cada bem conta a sua história tendo uma vida própria e um determinado passado que, sendo parte relevante na nossa existência estabelecerá uma relação directa com a actualidade.



## A condição do Homem, o Castelo, e a Ruína

Durante o seu percurso histórico, o Homem como ser social, cultural e relacional sempre partilhou acções e vivências. Comunicou e desenvolveu culturas e civilizações mas acima de tudo, construiu-se no tempo e no espaço.

É a partir da sua envolvente natural que se dinamiza, movimenta e interioriza. Descobre pela sua força espiritual a capacidade para transformar e fazer uso da natureza, prosseguindo do pensamento à acção.

Com a necessidade de se proteger edificou e cedo verifica que viver em comunidade é sinónimo de crescimento e evolução. Atribuiu, adquiriu estatutos e funções, desenvolveu-se crescendo na organização e na identidade das culturas (Pestana, 1984).

Como centros edificados e estruturas sociais comunitárias surge assim o testemunho do Castelo, símbolo concreto e físico de necessidades sociais, políticas e militares<sup>6</sup>.

O Homem está e sempre esteve profundamente interligado ao castelo durante séculos, unindo-se indissolúvelmente com ele. Este testemunho servia as comunidades, participava na vida das pessoas, quer dentro como povoamento amuralhado ou circundantemente às muralhas.

O castelo tornou-se génese do sentimento de glória e símbolo da pátria onde à sombra dos seus muros se levantaram catedrais, mosteiros, palácios e paços reais. Não é por acaso que ainda hoje se denominam inúmeras terras de Portugal com a palavra *castelo* e em muitos casos, estes são imperativos definidores dos traçados urbanísticos determinantes em centros históricos e culturais.

É nos castelos que o país está lembrado dos seus mais arrojados e corajosos feitos, instituições militares que pelos quatro cantos do mundo se relacionaram com a cultura e a civilização de um povo heróico e destemido (Pestana 1984).

---

<sup>6</sup> Ao castelo como símbolo de poder, podem-se expor dois sentidos quanto à sua função: um sentido positivo referente à protecção que ministrava e um sentido negativo conotado à dominação.



2. "Vila branca" de Borba. Aspecto parcial da muralha no seu contexto local (2009).

Contudo, o factor **Tempo** surge-nos como um incansável agente modelador em todos os ângulos destas instituições históricas, sociais e culturais. Não só a uma constante resposta à cultura e interpretação das sociedades, mas sobretudo na sua condição física e existencial.

O objecto *castelo*, ou qualquer outra realidade histórica edificada inserida no tempo, evoca a sua qualidade ou capacidade de existência, ao mesmo tempo que através da acção da natureza, a sua materialidade se degrada ou se vai perdendo (Tomé, 2002).

A **ruína**<sup>7</sup> vai tomando assim lugar e surgindo como Lugar. Isto é, o valor duma herança e um testemunho surgirá indefinidamente associado ao objecto arquitectónico que é qualificado com esta natureza. Apesar de objectos *contentores de memórias*, vão assumindo contudo variadas leituras frequentemente com conteúdos antagónicos por parte de uma dissolução dos seus elementos na criação voluntária, através de fragmentações antigas, autênticas ou artificialmente produzidas.

Miguel Tomé aponta-nos a existência de dois tipos de ruína distintos face à sua condição material: a ruína arqueológica de carácter pré-histórico ou antigo com importante valor documental e conhecimento científico e a ruína medieval de qualidade religiosa, militar ou civil.

Tomé apresenta igualmente duas subcategorias na classificação das ruínas, tendo em conta a sua actual função. Classifica de **monumentos mortos**, quando a sua funcionalidade originária se extingue sem adquirir uma nova, apenas sujeitos a acções simples de con-

---

<sup>7</sup> Segundo autores como C. Fortuna a *ruína – lugar de petrificação, possui a capacidade de suspender o presente, de deslocalizar o sujeito que, numa atitude de flâneur, se evade para um outro qualquer lugar. Fortuna iguala essa deslocalização àquela proporcionada por espaços como estádios, centros comerciais, santuários, cemitérios, museus...* (Fortuna, 1999).

solidação e conservação, como são os casos dos vestígios arqueológicos. E de *monumentos vivos*, aqueles que mantêm a sua função original ou não, sofrendo não só intervenção na sua consolidação física com trabalhos de restauro<sup>8</sup>, mas também uma continuidade funcional e utilitária. Referem-se como exemplos os castelos, igrejas e paços recuperados *esvaziados* da sua inédita função.

Neste contexto *"vivo"*, o objecto da ruína é recuperado e readaptado à capacidade de receber as marcas da presença cultural de cada época, procurando manter o sentido da autenticidade material, que deriva da continuidade temporal do monumento. Assume uma presença útil e prática na transmissão e salvaguarda da sua memória.



3. Lugar de Vila Flor (Amieira do Tejo). Aspecto geral da intervenção (2009).

---

<sup>8</sup> No restauro, as qualidades artísticas e históricas do original são geralmente aceites e respeitadas nas transformações introduzidas.



## Castelo de Castelo Melhor - Valorização

### Ideia

A ideia para este trabalho surge como uma continuidade do já idealizado e iniciado projecto pluridisciplinar de *“Investigação Arqueológica e Estudo de Reabilitação do Castelo de Castelo Melhor”*, levado a cabo pelo Prof. Doutor Michael Mathias<sup>9</sup> e equipa constituída por diferentes áreas de investigação: a Geologia, Geotecnia, Materiais de Construção e Estruturas, no âmbito do *Projecto de Candidatura do Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa – Procoa* do ano de 1998<sup>10</sup>.

Este projecto tinha como principal objectivo a criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa bem como o estudo preliminar do castelo de Castelo Melhor (levantamentos arquitectónico e arqueológico) para posterior reabilitação e abertura a visitas públicas.

Este local ainda inexplorado oferecia boas condições para a investigação arqueológica, visto que as obras de conservação sempre foram inexistentes bem como o constante abandono do imóvel.

Contudo, e passados anos após o estudo, a situação continua a ser a mesma. Surge assim, uma intenção em intervir na área local do castelo, bem como interpretá-lo e relacioná-lo através da sua envolvente – aldeia e paisagem. Procura-se uma ideia de intervenção mínima da ruína, não pondo em causa a concretização dos trabalhos de campo que estão ainda por desenvolver, e que seja capaz de permitir uma forte contextualização local oferecendo condições físicas de visitação.

---

<sup>9</sup> Coordenador do Centro de Estudo e Protecção do Património e do Departamento de Engenharia Civil da Universidade da Beira Interior.

<sup>10</sup> Projecto realizado ao abrigo do Convénio de Colaboração, celebrado no dia 3 de Outubro de 1997, na Universidade da Beira Interior e assinado pelo Director do Instituto Português de Arqueologia, Prof. Doutor João Zilhão, e o Reitor da UBI, Prof. Doutor Manuel José das Santos Silva.

## Objectivos

Uma primeira medida para um projecto de valorização local passará por uma salvaguarda original do sítio - ou seja no estado em que se encontra -, procurando manter as suas características como ruína, não interferindo com os ainda planeados e pendentes projectos de estudo e escavação arqueológicos. Essa actuação, acima de tudo, não poderá prescindir dos trabalhos já planeados das especialidades do antigo mas ainda actual estudo. A consolidação assim revelar-se-á como medida urgente evitando crescente degradação e desmoronamento, quer por força dos elementos, quer pela acção da passagem do homem criando as condições de segurança necessárias à sua visita.

Um outro importante aspecto justificativo à valorização de Castelo Melhor, gera-se à volta da sua história e do que representa como local na evolução humana, bem como do papel na identidade local. Torna-se indispensável reabilitar o espaço e abri-lo ao público, abrindo caminhos à experiência e interpretação pessoais, tornando cada visitante um cúmplice de uma realidade, uma história e um mundo. Procura-se uma reflexão baseada numa intervenção concreta num bem imóvel de interesse histórico, sensibilizando a importância da conservação e da constante vivência e contacto com a riqueza patrimonial e natural que pode representar um local como Castelo Melhor.

## Metodologia

Para responder aos objectivos anteriormente referidos, teve-se como base uma observação e análise do sítio do castelo a partir do estado em que se encontra actualmente, reportando-se à História sempre que se considerou necessário, como auxiliador de pesquisa para a compreensão da contemporaneidade.

A fonte (primária) primordial deste projecto foi o contacto e a confrontação directa com o local, numa análise participada do espaço: visitas e percursos no local, discussão e decisões *in situ*, registo fotográfico e análise através do desenho/esquiços. A valorização contínua deste exercício fez sentido para uma consequente dissecação daquilo que se observava.

Salienta-se igualmente como fonte comparativa a importância dos inúmeros locais de Intervenção visitados durante o percurso do trabalho noutras localidades de referência do território nacional.

Outro elemento (primário) de trabalho foi o levantamento cartográfico digital<sup>11</sup> actual, no sentido de perceber as características topográficas do local de estudo e os danos detectados no existente, permitindo ainda criar um modelo maqueta à escala de 1:500.

Foram igualmente utilizadas fontes secundárias, no sentido de enquadrar teórica e projectualmente a natureza do projecto: a iniciada investigação arqueológica e o estudo do castelo nas diferentes áreas de intervenção, como já foi referenciado anteriormente, e uma proposta de reabilitação de Castelo Melhor realizada no ano de 2005 por alunos da Universidade da Beira Interior do curso de Eng.<sup>a</sup> Civil. Foi de igual modo consultada bibliografia incidindo sobretudo nos seguintes temas: património, intervenção, monumentos, paisagem, ruína.

Contam-se também fontes orais com depoimentos informais de habitantes locais, cujo testemunho se considerou importante.

## Análise

Na seguinte análise são apresentados os dados recolhidos e a informação envolvida na realização deste projecto.

Referem-se dados locais acerca de Castelo Melhor, bem como das áreas inicialmente estudadas (1998) da intervenção (in) completa<sup>12</sup> ao castelo, envolvendo a pluridisciplinaridade de uma requalificação completa do imóvel. Foi também consultado um trabalho de reabilitação de Castelo Melhor realizado por alunos finalistas<sup>13</sup> do curso de Eng.<sup>a</sup> Civil da Universidade da Beira Interior no ano de 2005, orientado igualmente pelo Prof. Doutor Michael Mathias, abordando vários aspectos técnicos de recuperação.

---

<sup>11</sup> Levantamento realizado no ano de 1997 no âmbito do projecto de conservação/recuperação por equipamento topográfico electrónico, das estruturas arqueológicas e de superfície do castelo e envolvente. Refere-se igualmente a disponibilidade do Eng.<sup>o</sup> Filipe Jorge dos Serviços de Urbanismo e Planeamento da Câmara Municipal de Foz Côa pelos elementos cartográficos facilitados.

<sup>12</sup> Por razões orçamentais, apenas neste projecto foram realizados os levantamentos topográficos numa primeira fase e iniciados os estudos arqueológicos, sem que houvesse intervenção nas outras áreas de trabalho.

<sup>13</sup> Projecto "Proposta de Reabilitação de Castelo Melhor", por Bruno Cunha e Norberto Marques, UBI, 2005.



Na continuação deste capítulo são referenciadas intervenções no património e apontados alguns registos fotográficos concretamente em castelos nacionais visitados ao longo da realização deste estudo.

Esta reunião de dados procurou uma leitura do existente e uma consequente indagação de relações e soluções não apenas de intervenção, mas sobretudo de valorização de um **Lugar**: o castelo de Castelo Melhor.

### Castelo Melhor, a freguesia

A freguesia de Castelo Melhor localiza-se a cerca de 15Km da sua sede de concelho, Vila Nova de Foz Côa, no distrito da Guarda. Actualmente conta com aproximadamente 450 habitantes ocupando uma área de 3641ha<sup>14</sup>.

A mancha urbana distribui-se através de dois eixos principais, nas ruas onde se faz a circulação norte-sul e de sentido inverso ao regresso, entre a entrada da localidade, o largo do cemitério, e a Igreja Matriz/ largo da Junta de Freguesia, junto do acesso directo ao castelo.

De cariz habitacional, a edificação da aldeia na sua construção tradicional é sobretudo térrea e em pedra xisto e nos casos actuais, em alvenaria rebocada de cor branco, composta na maior parte dos casos por 2 pisos.

Localiza-se na aldeia o Centro de Recepção do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) marcando o início da *rota das gravuras*, onde, segundo os entendidos, se encontra *o maior museu ao ar livre do Paleolítico de todo o mundo* através das gravuras rupestres ao longo do Vale do Côa, consideradas Património Cultural da Humanidade pela UNESCO.



4. Eixos de distribuição da mancha urbana de Castelo Melhor.

<sup>14</sup> Dados recolhidos através do portal da freguesia na internet: [www.patrimonio-turismo.com/juntas/zoom.php?identifx=780](http://www.patrimonio-turismo.com/juntas/zoom.php?identifx=780).

Para além do património arqueológico do sítio, a zona conta com um rico património natural. Do alto da Serra do Anjo Gabriel, a NW de Castelo Melhor, avista-se em longo alcance uma paisagem pontuada pelas oliveiras e amendoeiras, em que por alturas de primavera, enriquecem a paisagem com as florações de cores branco e rosa. O rosmaninho, a esteva, o alecrim, poejo e tomilho, são algumas das plantas silvestres que perfumam os ares do meio rural da aldeia.



5. Vista oeste sobre a aldeia e castelo (2009).

## Elementos históricos da ocupação na zona

Desde o Paleolítico<sup>15</sup> que a ocupação humana se reflecte pela bacia hidrográfica do Côa, área onde se insere o castelo de Castelo Melhor.

Todavia, são inúmeros os vestígios de povos e civilizações que marcaram presença por estes lugares. Referem-se vias e numerosas *villa rústica* romanas, estações arqueológicas<sup>16</sup> bem como de sinais evidentes da aculturação ao árabe em topónimos como Almen-dra, Almofala, Algodres ou Almeida.

Pelo século XII, ainda pertencentes ao novo reino de Portugal, as terras de “Riba Côa” (entre os rios Côa e Águeda) passam pouco depois para Leão que se ocupa de reestrutu-

---

<sup>15</sup> *Paleolítico* ou *Idade da Pedra* corresponde ao período mais antigo e longo da História da Humanidade com cerca de 2,5 milhões de anos, terminando no fim da última Época Glaciar à cerca de 10.000 anos.

<sup>16</sup> Destacam-se as estações de Caliábria e Almen-dra da Época visigótica e da Quinta de Santa Maria de Ervamoira da Época tardo-romana paleo-cristã que é visível de Castelo Melhor.

rar a região, concedendo foros a várias vilas nos inícios do século XIII, entre os quais a Castelo Melhor em 1210<sup>17</sup>.

Pelo Tratado de Alcañices<sup>18</sup>, em 1297, a região é definitivamente integrada no reino português.

Não obstante de fontes escassas sobre Castelo Melhor, sabe-se contudo que é referida pelo tempo do Rei D. Dinis, como uma *villa* do Concelho de Vila Nova de Foz Côa com um *castelo com barbacã*<sup>19</sup> *todo desmantelado*. São apresentados consequentes estudos sobre a *villa*<sup>20</sup> assim como informações de trabalhos de reparações durante a Época medieval na base de dados da Divisão de Inventário da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Em 1982, o castelo de Castelo Melhor é classificado como Imóvel de Interesse Público<sup>21</sup>.

.

### O castelo *actual*

O recinto amuralhado do castelo de Castelo Melhor está situado num outeiro com cerca de 450 metros de altitude a sul da actual freguesia. Com a forma de um polígono irregular com cerca de 90x70 metros de diâmetro, a muralha, de aparelho em xisto, mede alturas de cerca de 3 a 6 metros. Tem uma única porta em arco quebrado a noroeste e uma torre de planta semicircular adocada à muralha a norte. Exteriormente entre a porta e a torre conservam-se *restos* de um muro baixo de reforço. Estruturas semelhantes encontram-se também em frente das muralhas, a sul do castelo, que levaram provavelmente à designação

---

<sup>17</sup> Um *dinero* de Fernando III Rei de Castela e Leão, moeda achada aquando dos trabalhos da Investigação Arqueológica e Estudo de Reabilitação do Castelo de Castelo Melhor no ano de 1998, faz ligação a esse tempo.

<sup>18</sup> Tratado que estabelecia a paz e os limites fronteiriços entre o território português e as terras de Leão e Castela em finais do séc XIII. Foi assinado por D. Dinis (1279-1325) e pelo monarca leonês Fernando IV (1295-1312). Neste documento as terras de *Riba Côa* eram reconhecidas a Portugal entre as quais Castelo Melhor.

<sup>19</sup> Muro exterior à muralha de uma fortificação e de menores dimensões com a finalidade de uma primeira defesa do inimigo.

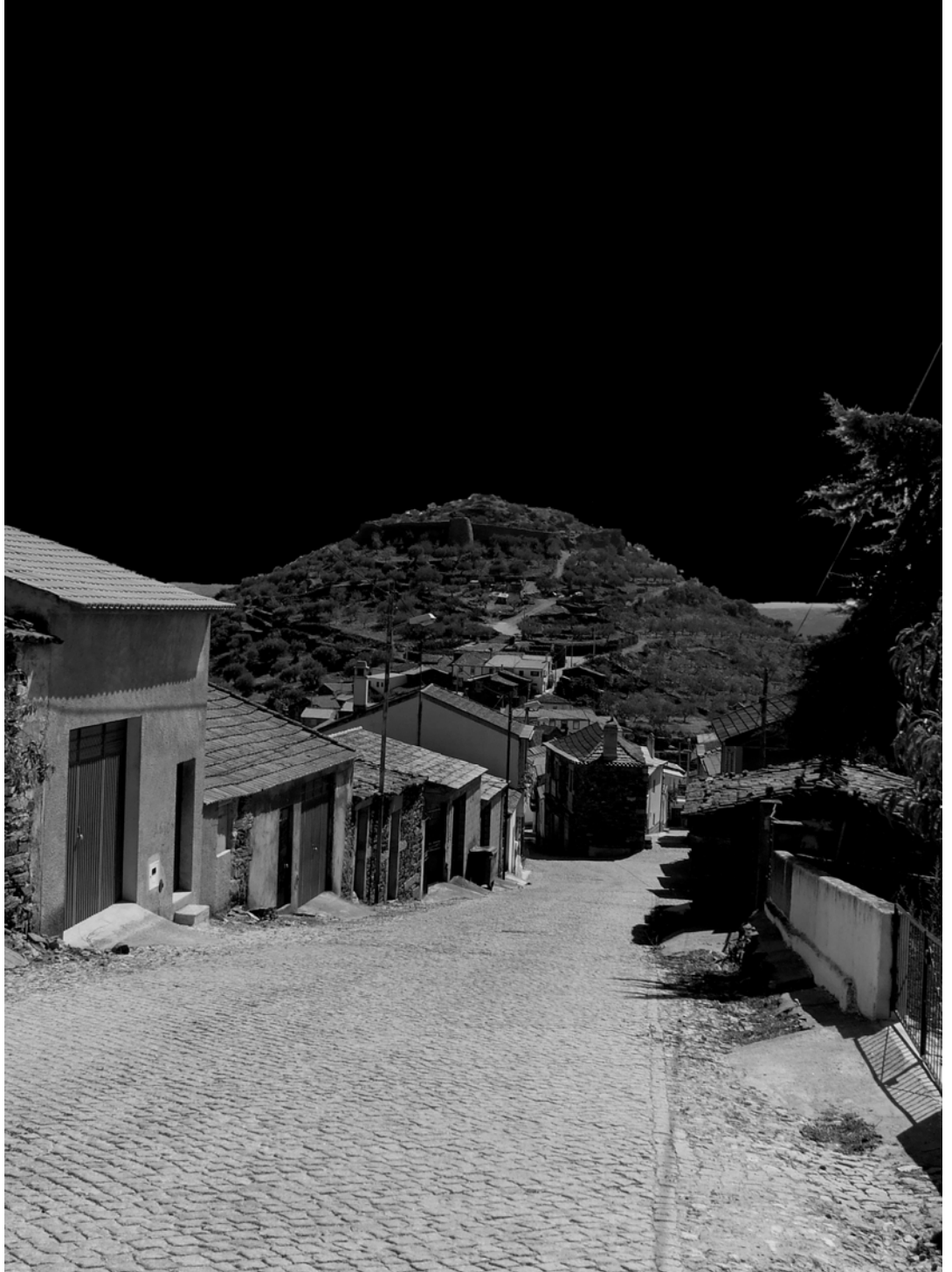
<sup>20</sup> Lindley Cintra trata de Castelo Melhor no seu trabalho sobre a linguagem dos foros de Castelo Rodrigo.

<sup>21</sup> Pelo Decreto n.º.28/82, 26-2, Diário da República, 1ª Série, n.º. 47-26-2-198235.

“barbacã”. No interior existem vestígios de uma cisterna circular e de vários alicerces de construções.

O actual estado de conservação do imóvel é mau, existindo buracos no exterior e interior, *brechas* de vários metros de largura e danos nas fundações das muralhas (Mathias, 2000). Actualmente, o espaço interior e circundante do castelo é usado pelos locais na agricultura no cultivo da oliveira e amendoeira e para a prática da pastorícia.

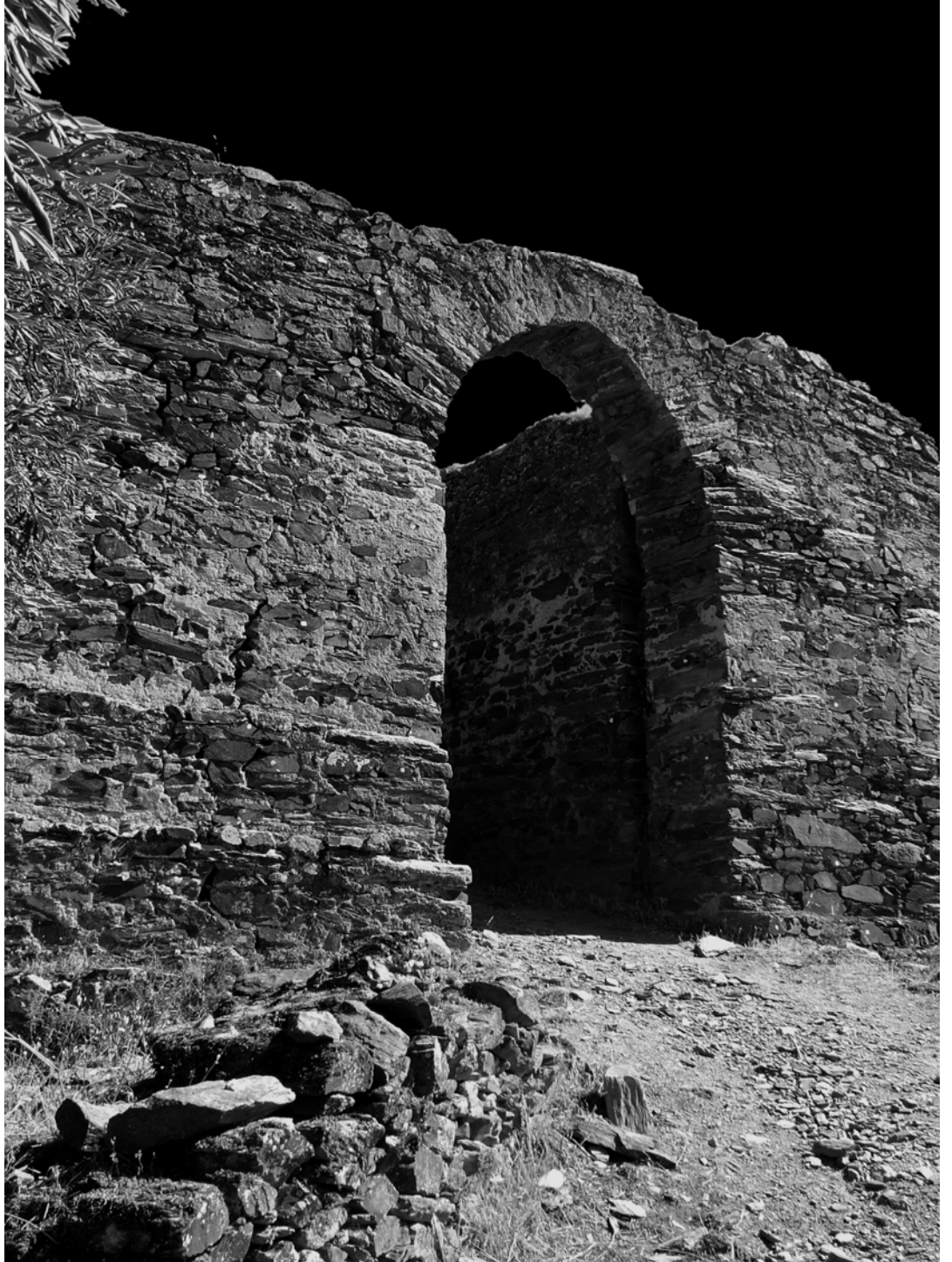




6. Perspectiva na entrada da aldeia (2009).



7. Acesso ao castelo (2009).



8. Porta de arco quebrado na entrada do castelo (2009).



9. Pormenor interior do castelo (2009).





10. Aspecto actual da muralha a oeste (2009).



11. Vista do interior do castelo sobre a aldeia (2009).

Dados da “Investigação Arqueológica e Estudo de Reabilitação do Castelo de Castelo Melhor” (Mathias, 2000)

#### Os estudos arqueológicos

O projecto de investigação arqueológica no castelo pretendeu focar concretamente várias questões: o início e a continuação da ocupação humana no local e a relação directa com os muros circundantes às muralhas, a natureza das obras de reparação referidas nos foros e o repovoamento feito por alturas do reinado de D. Dinis e a origem das escórias de ferro achadas no recinto da ruína relacionando-as com actividades mineiras medievais. Finalmente e com colaboração da Mestre Doutora Helena Moura do Parque Arqueológico do Vale do Côa, a investigação e escavação de sepulturas no exterior do castelo.

#### Estudo geológico

Sendo o solo um factor determinante no actual estado das muralhas, era necessário realizar um reconhecimento quer geológico, quer morfológico do solo, com vista ao conhecimento da sua natureza, de possíveis movimentos e das suas linhas de ruptura.

O estudo das águas pluviais (escorrência e infiltração) e a sua caracterização físico-química, estariam simultaneamente na lista das intenções tendo em vista a sua agressividade para a estrutura.

#### Estudo da degradação dos materiais de construção

Com a análise e a caracterização dos materiais de construção, os tipos de pedras utilizadas e a composição das argamassas de ligação das muralhas, seria possível a identificação de todas as causas da degradação determinando as melhores soluções a adoptar. Esta análise efectuava-se recorrendo a técnicas com raio-X em microscópio electrónico de varrimento e determinar a análise granulométrica.

#### Estudo de estabilidade da estrutura

Previam-se a utilização de vários ensaios com processos mecânicos na definição do estado actual dos panos de muralha. A solidez e a estabilidade seriam medidos e calculados estruturalmente em pontos localizados do castelo.

## Levantamento topográfico

O levantamento topográfico foi uma prioridade da investigação dado que as fontes cartográficas do local eram inexistentes a escalas pequenas. O levantamento foi realizado com equipamento topográfico electrónico ligando o sistema local à rede geodésica nacional com GPS. Foram assim para o efeito, levantadas as estruturas arqueológicas e de superfície tanto no interior como no exterior ao castelo.

Dados da “Proposta de Reabilitação de Castelo Melhor” (Cunha e Marques, 2005)

### Drenagem:

Neste trabalho, é indicada a preocupação de um sistema de drenagem eficaz para evitar a cedência das muralhas. Aponta para a existência de vestígios de sistemas de drenagem utilizados aquando da construção das paredes do castelo e das possíveis habitações existentes no passado, pois verificam-se aberturas pontuais em toda a extensão da muralha. Propõe-se um tipo de dreno colocado sempre que possível nas aberturas já existentes e só nos casos em que não perturbassem as operações de consolidação das muralhas.

### Acções de conservação – limpeza da pedra e consolidação

Na limpeza da pedra, sendo um processo bastante complexo e lento, torna-se necessária uma correcta escolha de produtos e de técnicas apropriadas para que *não se provoquem efeitos indesejáveis que levam ao agravamento da situação existente*.

Apontam-se dois tipos de situação de sujidade onde se referem paredes com restos de reboco e paredes cobertas de fungos e vegetação. Na melhor relação qualidade/preço para o efeito, a solução da limpeza far-se-ia através da lavagem com água por jacto, de modo a eliminar eventuais substâncias solúveis e insolúveis.

No processo da consolidação da muralha são diferenciados tecnicamente dois tipos de intervenção: o tratamento dos desmoronamentos e o do fissuramento.

No primeiro caso é aconselhado a utilização de um sistema de *pregagem*<sup>22</sup> aumentando os níveis de resistência até aos panos de muralha mais altas. Ainda no tratamento das situações de desmoronamento no castelo, referem-se fases de colocação de pedras e argamassas nos locais de ausência destes ao longo das paredes e do reforço da base da muralha, na simples colocação de pedras nos casos mais graves de sobrecarga, especialmente onde se verificam zonas de afloramentos rochosos<sup>23</sup>.

No tratamento das fissuras, a viabilidade das hipóteses passa pelo processo de injeção à base de cal hidráulica<sup>24</sup>, capaz de aumentar significativamente a resistência e com a elevada compatibilidade com as argamassas antigas.

### Outros aspectos

No trabalho fazem-se igualmente referência à reparação dos muros internos do castelo, com a sua limpeza e reconstituição cuidadas através do método simples da sobreposição e nivelamento das suas pedras, resultando uma *harmonia visual* em relação à envolvência.

No caso da cisterna que se encontra igualmente no recinto do castelo, procedia-se também a acções de limpeza e à colocação de um elemento de intervenção, uma escadaria metálica, de forma a permitir o acesso ao interior do espaço.

.

### Imóveis históricos visitados

Uma das importantes e estipuladas etapas para este trabalho passou pela intenção de contactar com diversas realidades no campo da intervenção no património, mais directamente ligada à realidade dos castelos.

Sendo Portugal um país profundamente enraizado na sua História e essas mesmas origens estarem impreterivelmente associadas ao elemento do Castelo, como já foi referenciado

---

<sup>22</sup> Pregagem, *consiste na colocação de barras metálicas com protecção anti-corrosão, em furos de pequeno diâmetro previamente abertos que cruzam os elementos a reforçar melhorando a integridade global da estrutura* (Roque e Lourenço, 2002).

<sup>23</sup> Afloramentos rochosos tratam-se de *qualquer exposição natural de rocha na superfície, tal como: penhascos, penedos, alcantilados etc* (Guerra e Cunha, 2004).

<sup>24</sup> Calda de injeção ligante, a sua composição contém mais de 10% de elementos ácidos solúveis. Endurecem tanto ao ar como sob a acção da água ou humidade. São caldas em pó e obtêm grandes níveis de resistência rapidamente (Schmitt, 1978).

anteriormente, tornou-se importante e abrangente uma incursão e uma observação ao local, de vários exemplos intervencionados e não-intervencionados de fortificações, castelos e ruínas actualmente existentes.

Foram assim visitados, cerca de vinte exemplos de património imóvel classificados desde o sul no Algarve, passando pela região do Alentejo, Beira Interior até à ruína de Castelo Melhor, Beira Alta, abaixo da fronteira que percorre o Douro. O percurso foi incidindo te numa *linha interior* do território nacional.

Orientados geograficamente em sentido sul-norte, foram percorridos os castelos de: Lagos, Silves, Paderne e Salir na região do Algarve, Portel, Evoramonte, Redondo, Alandroal, Vila Viçosa, Borba, Elvas, Campo Maior, Alegrete, Portalegre, Amieira do Tejo e Vila Flor no Alentejo, o castelo de Castelo Novo por terras da Beira Baixa e Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo e Marialva no distrito da Guarda.

A escolha das percurso recaiu sobretudo aos monumentos que mais se demonstrariam desconhecidos à experiência pessoal, contudo sem ignorar a forte presença histórica de outras fortificações localizadas geograficamente mais próximos do exemplo de Castelo Melhor.

Referem-se aqui algumas considerações observadas em cada um dos objectos de estudo:

**Castelo de Lagos:** muralha no interior da cidade e à beira-mar; intervencionado com arranjos da envolvente.

**Castelo de Silves:** localizado no centro histórico com grande recinto interior; recuperação e intervenção com novos elementos de visitação.

**Castelo de Paderne:** situado fora da aldeia; consolidação da ruína com estudos arqueológicos em execução.

**Ruínas de Salir:** ruína com estruturas de apoio interpretativas e de visitação, inserido no aglomerado habitacional.

**Castelo de Portel:** situado no extremo da vila; apenas com intervenção exterior, com grande recinto no interior em ruína.

**Castelo de Evoramonte:** castelo com torre/paço residencial, com centro histórico intramuralhas; mantém aspecto original com visitação.

**Castelo do Redondo:** pouco perceptível com torre no interior da vila.

**Castelo do Alandroal:** grande castelo, intervencionado na recuperação do original, situado dentro da localidade.



12. Linha de percurso efectuado

**Castelo de Vila Viçosa:** castelo ducal de grandes dimensões; visitação com aspecto original; com edificação interior.

**Castelo de Borba:** localizado dentro da vila, possui relação directa com o edificado e aparência incompleta.

**Fortificação de Elvas:** muralhas de cor amarelo e de grande dimensão com cidade no interior.

**Castelo de Campo Maior:** com aspecto muito pouco cuidado, relacionado com edificação habitacional clandestina.

**Castelo de Alegrete:** situado no extremo de maior cota da aldeia; intervencionado com consolidação do existente; com estruturas de visitação.

**Castelo de Portalegre:** relacionado com o interior da cidade; intervencionado com estruturas de apoio para visitação.

**Castelo de Amieira do Tejo:** situado no extremo da aldeia com intervenção exterior.

**Ruína de Vila Flor:** intervencionado com estrutura contemporânea; consolidação do pouco existente.

**Castelo de Castelo Novo:** castelo em ruína com intervenção recente; possui estruturas de visitação.

**Forte de Almeida:** recuperação com forma original; aldeia e circulação rodoviária no interior.

**Castelo de Figueira de Castelo Rodrigo:** possui aldeia recuperada no seu interior; intervencionado com consolidação da ruína; com elementos de apoio e visitação.

**Castelo de Marialva:** intervencionado com ruína interior e estruturas de apoio; aldeia adocada recuperada.

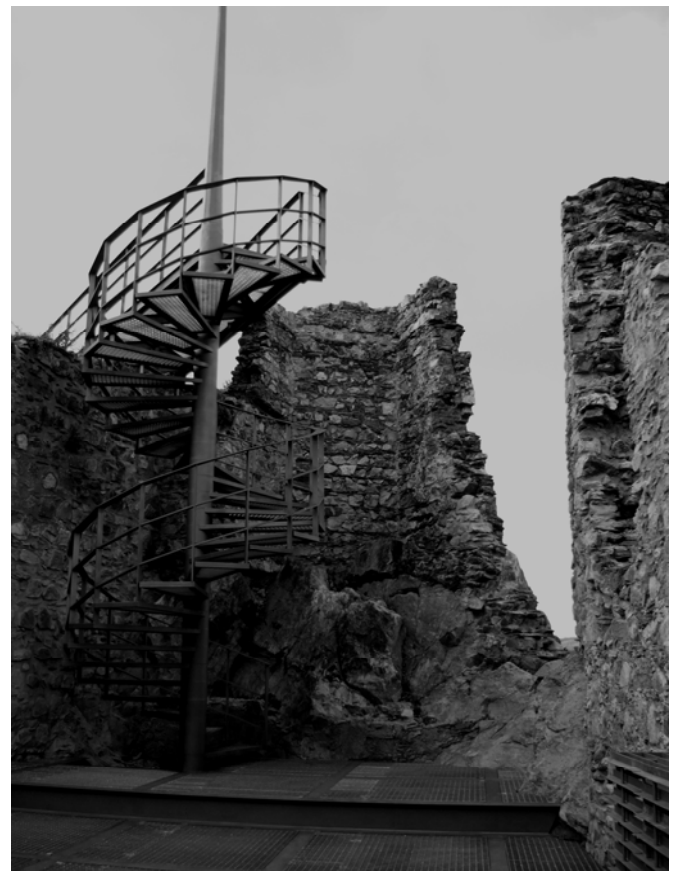


13. Borba: Relação da muralha com o edificado (2009).

15. Paderne. Ruína interior (2009).



14. Campo Maior. Pormenor do interior da muralha (2009).



16. Alegrete. Estrutura de visitação (2009).





17. Portalegre. Aspecto exterior da intervenção (2009).

18. Figueira de Castelo Rodrigo.

Vista parcial exterior da intervenção (2009).



19. Vila Flor. Perspectiva geral da ruína (2009).

## Resultados – aspectos e considerações

A anterior composição de dados demonstra a necessidade de uma intervenção e valorização do imóvel de Castelo Melhor. Quer no sentido material, em trabalhos de consolidação e recuperação, quer conceitualmente através duma forte contextualização.

No sentido físico desta intervenção, os estudos de 98 (p 23-24) – nos diferentes campos de intervenção - mostram-se reduzidos na informação obtida visto tratar-se de um projecto incompleto em que apenas foi iniciada uma primeira fase: levantamento da topografia e o início dos estudos arqueológicos do local.

Apesar de que neste estudo a lista das intenções descrevem a ordem de trabalhos a efectuar, é no registo dos dados dos alunos da Universidade da Beira Interior que é apresentada uma descrição na procura de soluções práticas e dos processos de conservação e consolidação a considerar na intervenção da ruína. Posto isto, na realização deste estudo/projecto é ponderada a utilização dessa mesma informação especializada como fonte directa de apoio técnico nessas acções.

É de salientar contudo, que a análise destes projectos de investigação já efectuados, permitem a demonstração do universo que pode representar o campo da Intervenção e da Recuperação. São envolvidas diversas áreas de trabalho com inúmeras temáticas mas que estão intimamente ligadas e direccionadas apenas a um objecto.

Considerando os percursos de visita a outros imóveis classificados, salienta-se sobretudo a diversificação da leitura no Património. As intervenções e as realidades experimentadas no decurso dessas visitas, comprovam que a Intervenção num objecto que acarta valor histórico, depende impreterivelmente da sua função e da contextualização própria em relação à sua realidade local, mas provém igualmente da interpretação pessoal do técnico ou das equipas responsáveis na prática do projecto.

A História apresenta-se assim segundo uma visão mais pessoal dependente dos limites, capacidades e formação do sujeito que a interpreta.

Esta fase do trabalho tornou-se assim importante e útil numa procura constante e contacto directos com a contemporaneidade das diversas formas de património, seja este uma cidade inteira, um castelo, ou simplesmente uma *apagada* ruína.

## Conclusões, estratégias e premissas do projecto

Como tem sido referido ao longo do trabalho, Castelo Melhor necessita de uma aproximação cultural ao seu castelo, bem como uma contextualização local do mesmo. Imóvel classificado, com importância histórica e memorial, o castelo carece de uma intervenção urgente procurando a sua salvaguarda e conservação, que assegure a sua presença como testemunho do passado no futuro.

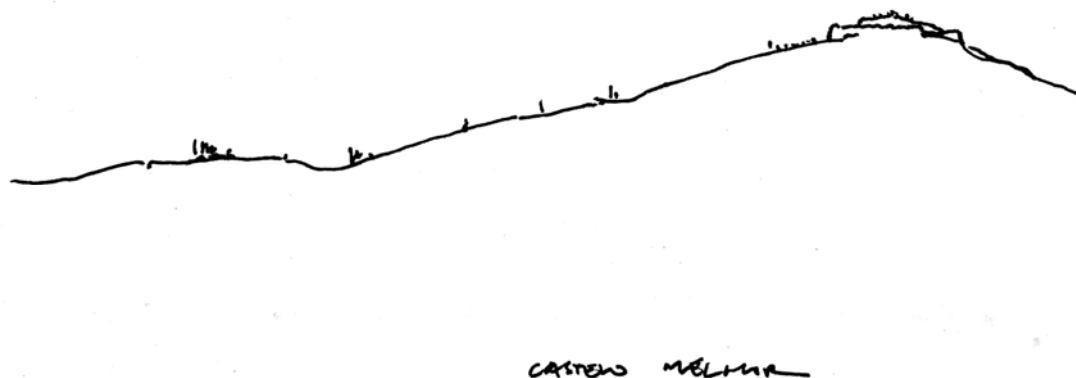
Contudo, essa acção valorizativa implica fundamentalmente **responsabilidade**: responsabilidade nos deveres de quem gere e uma responsabilidade cívica e participada de quem *consome* o objecto na sua condição de monumento visitável.

São necessárias políticas de gestão e planeamento correctas, actuantes no processo da profilaxia patrimonial, onde são empregues os meios necessários periodicamente à conservação e manutenção do imóvel nas suas principais patologias (IPPAR). Que sejam capazes de antever o futuro nas questões e incertezas.

A *massificação turística* torna-se outra preocupação logística relacionada com os desgastes associados ao consumo quotidiano de bens culturais existentes. São necessárias medidas empregues no controlo e segurança, actuando sobretudo nos níveis de fluxo de visitantes. Um exemplo pode passar pela aplicação de entradas pagas no local (Jorge, 2005).

Outra prioridade passa pela aproximação cultural de Castelo Melhor à população. Seria assim necessária a criação de um pólo interpretativo capaz de acolher o público com funções educativas e de sensibilização. A história local e regional bem como as características e os percursos da descoberta do castelo com a sua visita, seriam divulgados e participados pelo visitante.

Este centro interpretativo demonstrava-se assim com uma relevante importância na projecção do património histórico, cultural e natural existente em Castelo Melhor numa estreita parceria com o actual Parque Arqueológico do Vale do Côa.



Esta constante divulgação passaria pelo acolhimento das escolas, de jovens, profissionais, idosos ou simplesmente o turista isolado ou em grupos de turismo. A relação do Património era desta forma fortificada com o ambiente, o turismo, a educação e o lazer.

Um outro especial cuidado passaria pela criação de condições e acessibilidades necessárias para os cidadãos invisuais e com os *handicaps* motores (IPPAR), proporcionando-lhes a participação na animação, conteúdos culturais e na visita ao espaço da ruína. Virgolino Jorge afirma que *sem educação patrimonial, não há salvaguarda patrimonial*. Cultivam-se os saberes desenvolvendo-se a consciência social com acções dinâmicas do conhecimento.

Uma última prioridade deste Centro alia-se à necessidade actual de estudo que o objecto *castelo* de Castelo Melhor e envolvente carecem. Recorde-se que este imóvel foi alvo intencionado de um projecto de intervenção completa e exaustiva em diversas disciplinas, entre as quais a Arqueologia.

Dando resposta a essa necessidade e a uma das principais razões da existência deste presente projecto/estudo, assegurar-se-á a continuação das actividades de investigação no terreno através da criação de uma infra-estrutura a funcionar como Centro de Estudos e Investigação (IPPAR).

Este apoio à comunidade científica laboral, histórico-artística, arqueológica, antropológica entre outras, será por razões práticas de implementação e de sustentabilidade, localizado nas instalações do Centro Interpretativo que se situa numa pré-existência do local – início do percurso de visitaçã -, conforme é apresentado na proposta seguinte.

Outro elemento determinante na percepção, no entendimento e na vivência local do castelo, será a concepção de um percurso circundante à área de implantação da ruína. Este percurso proporcionará ao visitante uma *viagem* na descoberta do património natural e a sua relação íntima com a presença histórica da muralha.



Será orientado e informado através de uma sinalética estrategicamente colocada dando especial atenção aos espaços de valor significativo do local. Esta informação constitui-se por elementos textuais e esquemáticos, fazendo recurso a textos simples cingidos ao essencial, equilibrados na relação do tempo entre a sua leitura e a visita.

Tornam-se num aspecto com relevante importância por se assumirem como o cartão-de-visita e o primeiro contacto com o visitante.

Outra especial atenção destes *trilhos* naturais é reportada para a dimensão dos sentidos. O caminhante, o amante da natureza, o historiador, o aldeão ou agricultor desfrutará da contextualização natural e histórica do castelo através do **sentir no descobrir**. Será encarado por pontuais intervenções arquitectónicas simples – referentes ao percurso histórico

do imóvel -, como por ambientes de repouso e *desmoronação* onde o Lugar assume uma relação física com a pessoa. Será valorizado o *estar* em que *as ruínas despertam a mente e excitam o corpo...contam as histórias e lendas. Lugar de repouso e meditação para românticos, lugar de exaltação para os nacionalistas* (Fuão, 1988).

A circulação normal ao castelo far-se-á pelo seu acesso principal, a Norte, a partir do limite Sul da aldeia, local onde se insere o Centro Interpretativo. A circulação da visita no recinto interior do castelo não é pré-delineada neste projecto/estudo. Existe a intenção e a necessidade da continuação das investigações e trabalhos de campo – actualmente suspensos – da Arqueologia, negando a presença nova de estruturas rígidas de apoio à visitação.

Serão eventualmente adoptadas soluções de protecção e segurança aos aluimentos dos panos de muralha e à cisterna existente no interior, através de simples guardas metálicas apelando sobretudo à solidariedade e compromisso do visitante.

Será colocada igualmente informação local e histórica de contextualização do monumento e das suas características físicas interiores através de sinalética pontual.

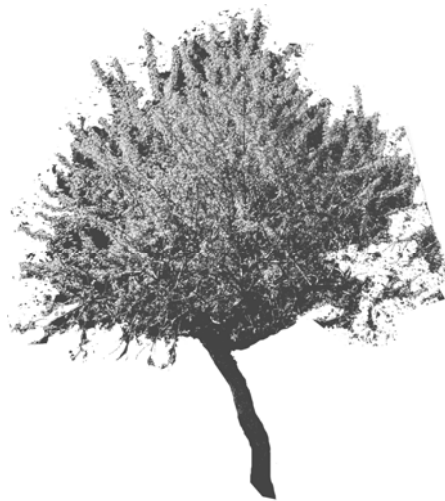
Sendo alvo constante de interiorização, o tema do trabalho sofreu progressivamente alterações durante o seu crescimento. Houve incansavelmente uma procura, não de uma fórmula imposta eficaz e capaz de responder a tudo, mas sim uma solução sinteticamente funcional, **mínima na sua nova presença mas forte no seu sentido.**

Foi directriz oferecer a Castelo Melhor o tributo do seu valor patrimonial e memorial considerável, como resultado de uma relação íntima entre o que é o Castelo e o valor da sua envolvente.



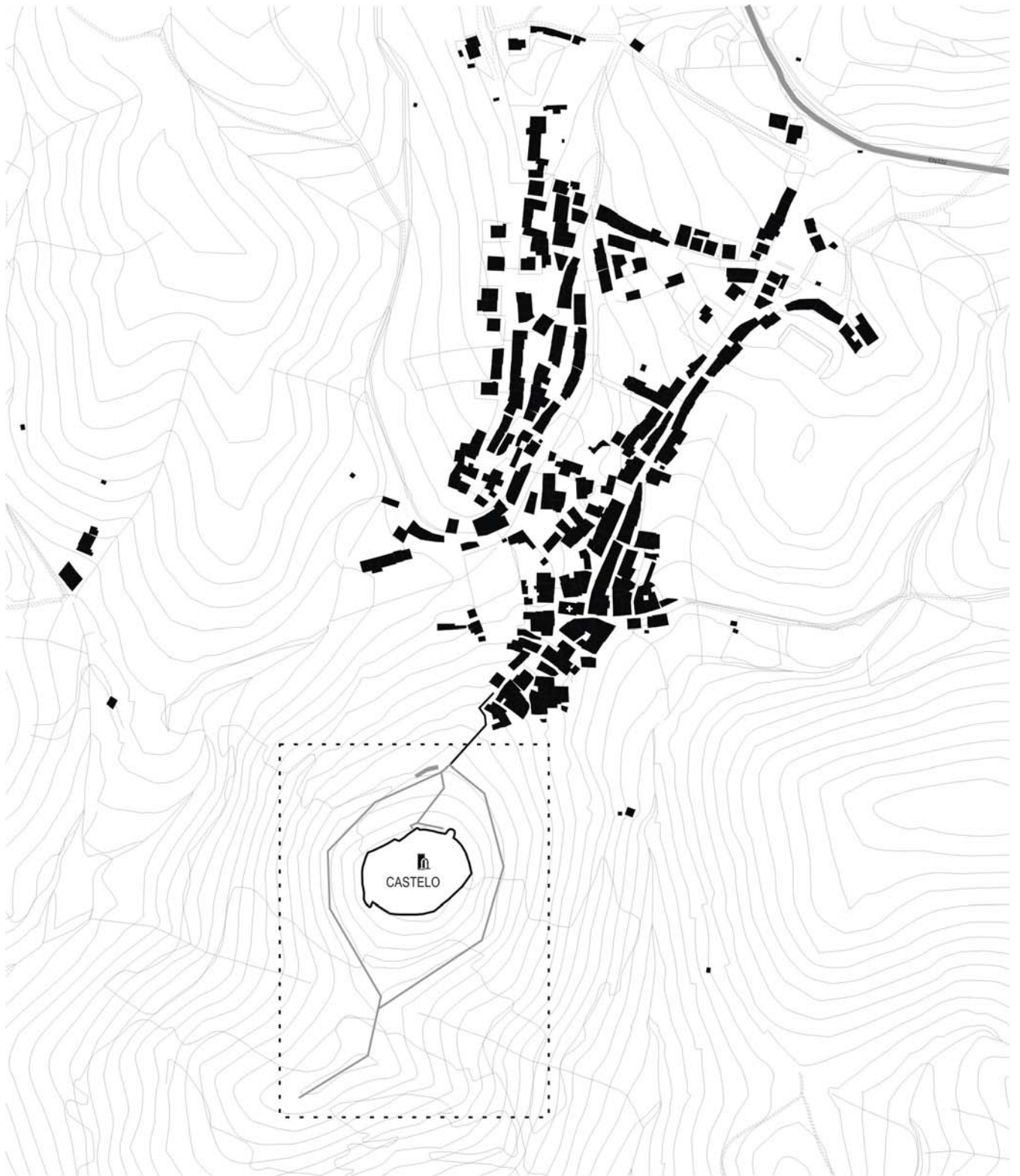


Proposta



Amendoeira  
(*Prunus dulcis*)







0 500m

Esc.  
1:5000

### Castelo Melhor - Implantação

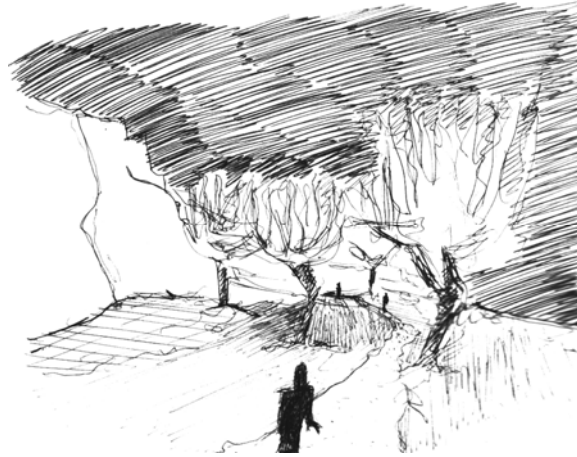
-  Edificação da aldeia
-  Zona de Intervenção



Oliveira  
(*Olea europaea*)

(A1 – Planta Geral e Alçado Oeste)

(verso do a1)



### A caracterização do espaço

Foi pensado num único percurso exterior à muralha partindo junto da estrutura de apoio e do acesso directo que se faz ao castelo (legenda 02 do desenho). Surge da continuação de um trilho já existente no seu começo usado por locais, podendo levar até ao outro extremo do outeiro da muralha a Sul aquele que visita, o turista, o historiador, o amante da natureza, o desportista, o aventureiro, o aldeão ou o agricultor e até o técnico ou a equipa de manutenção periódica do imóvel.

A sua distância colocada em relação ao castelo torna perceptível a quem visita todo o ambiente e as relações existentes entre a ruína mística e a sua própria envolvente, e claro, sem que ponha o transeunte em situação de risco de segurança. O monumento fica assim igualmente mais protegido da acção da passagem humana.

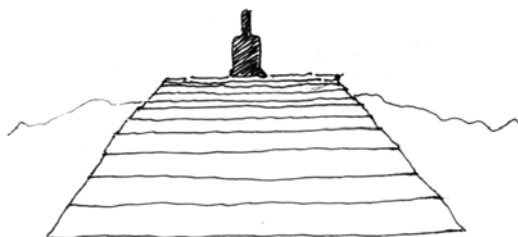
O caminho que é percorrido pretende ser o mais original e genuinamente natural.

O trilho segue no sentido Norte-Sul. A Oeste (09),

avista-se a um nível inferior e após as inúmeras amendoeiras o edifício do Parque Arqueológico do Côa e todo o movimento que respira proporcionado pelas constantes visitas em veículos de todo-o-terreno às gravuras rupes- tres situadas no sopé do vale. Acima, avista-se também mas a uma cota muito superior, a Eremida de São Gabriel, proporcionando a quem a visita a imensa vista sobre toda a paisagem da Beira Alta e Trás-os-Montes.

Seguindo pelo percurso, vão surgindo vestígios de muros antigos e estruturas pequenas de defesa em que a sua origem e explicação ainda estão por desvendar.

Com a muralha sempre presente pelo lado esquerdo (10), avista-se a Sul a clareira que leva o visitante ao expoente máximo deste trajecto. O *contemplador* (observatório de paisagem) é composto por uma plataforma longa e estreita reforçando o sentido de infinidade do caminho sobre a imensa paisagem que se vive no local (11). Nesse extremo é proporcionado um descanso e uma *desmoronação* dos sentidos glorificando a situação do castelo com a zona.



O percurso em seguida continua para Este relacionando directamente a localização das muralhas com Almendra e as ruínas que se encontram na estação arqueológica de Erva- moira poucos quilómetros adiante (12). São visíveis também as marcas do Tempo nas deformações geológicas do terreno que provocaram constantes afloramentos rochosos e deformações às paredes da muralha do castelo.

Continuando por entre as oliveiras e amendoeiras a Norte encontra-se a aldeia.

A visita ao interior do castelo faz-se pelo seu acesso directo que actualmente já existe. Durante esse percurso avista-se a imponente torre (03) evocando uma defesa que outrora ali se travou assim como as mais pequenas fileiras de xisto, designadas por barbacã.

A entrada do castelo a Norte é marcada pelo arco quebrado da sua porta (04) e o seu tra- jecto íngreme até ao interior do recinto que nos surge indefinido e constantemente lineado por restos de pequenos muros de pedra. Por entre as oliveiras vestígios de antigas estru- turas e reboco (05) aparecem adoçados á muralha junto da torre lembrando construções

medievais de apoio à vida do castelo, assim como a cisterna (06) que se localiza próxima da entrada para o recinto.

A vista é constantemente marcada pelos sinais da degradação sobretudo através dos aluimentos dos panos da muralha transfigurando o ambiente de visita de um Castelo numa ruína esquecida e maltratada pelo Tempo. A uma cota superior (07) restam as sondagens e as escavações arqueológicas dos estudos efectuados num passado recente mas que o futuro se profetisa desconhecido e distante.

No topo do monte (08) a percepção da paisagem é geral e o cenário infinito, capaz de preencher todos os sentidos.

O indivíduo chega e entra... percorre e vive...está.



Luís, Agosto de 2009.





## Referências Bibliográficas

Cabral, Luís Pedro (2009). Duarte d'Armas. *Adufe – Revista Cultural de Idanha-a-Nova*, 14, 32-33.

Corbusier, Le (1967). *Conversa com Estudantes das Escolas de Arquitectura*, Edições Cotovia, Lda., Lisboa.

Cunha, Bruno e Marques, Norberto (2005). *Projecto, Proposta de Reabilitação de Castelo Melhor*, Universidade da Beira Interior, Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura, Covilhã.

FORTUNA, C. (1999). *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais*. Oeiras: Celta.

Fuão, Fernando Freitas (1988). *Ruínas – A Fotografia Como Fragmento da Arquitectura*, Tese Doutoral: *Arquitectura como Collage*, in [www.rizoma.net](http://www.rizoma.net).

Gomes, Rita Costa (1996). *Castelos da Raia – vol I Beira*, Colecção Arte e Património, IPPAR.

Gregotti, Vittorio (1978). *Território da Arquitectura*, Debates Arquitectura, Editora Perspectiva, São Paulo, Brasil.

Guerra, António J. Teixeira e Cunha, Sandra Baptista de (2004). *Geomorfologia e Meio Ambiente*, 5ª Ed., Bertrand Brasil, 155.

Heidegger (2007). *A Origem da Obra de Arte*, Edições 70, Lisboa.

Jackson, J. B. (1980). *The Necessity for Ruins and Other Topics*, Library of Congress Cataloging in Publication Data, United States of America.

Jorge, Virgolino Ferreira (2005). *Cultura e Património, 1ª ed.*, Câmara Municipal de Portel, Edições Colibri, Lisboa.

Lopes, Flávio e Correia, Miguel de Brito (2004). *Património Arquitectónico e Arqueológico, Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*, Livros Horizonte, Lisboa.

Magalhães, Fernando (2005). *Museus, Património e Identidade – Ritualidade, Educação, Conservação, Pesquisa, Exposição*, Profedições, Leiria.

Mathias, Michael (2000). O projecto: O Castelo de Castelo Melhor – Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda – investigação arqueológica e estudo de conservação/recuperação. *Beira Interior - História e Património, Guarda*, 287-300.

Morais, João Sousa (s.d.). (Re) Construção de uma Disciplina de Arquitectura, Livros Horizonte, Lisboa.

*Património - Balanço e Perspectivas (2000-2006)*, IPPAR e Ministério da Cultura.

Schmitt, H. (1978). *Tratado de Construcción, 5ª Ed.*, Gustavo Gili, SA, Barcelona, 121.

Schulz-Dornburg, Julia (2002). *Arte e Arquitectura: Novas Afinidades*, Edição Espanhol/Português, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona.

Teixeira, Gabriela Barbosa e Belém, Margarida da Cunha (1998). *Diálogos de Edificação – Técnicas Tradicionais de Construção*, CRAT – Centro Regional de Artes Tradicionais, Porto.

*Terras da Moura Encantada – Arte Islâmica em Portugal* (1999). Museu sem Fronteiras, Editora Civilização.

Tomé, Miguel (2002). *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*, FAUP Publicações, Porto.

Covilhã 2009